



noohar



fórum



populares



últimas



webmail



O POVO
O povo é que diz. Jornal é O POVO.

Publicidade



FOTO POVO

Diversão

O POVO

Economia

Fortaleza, 2 de Janeiro de 2006

Capa
Brasil
Buchicho
Ceará
Charge
Colunas
Cotidiano
Economia
Esportes
Há 75 Anos
Mundo
Opinião
Política
Vida & Arte
Aprendendo
com O POVO
Ciência & Saúde
Clubinho
Edições Anteriores
Edições Históricas
O POVO
Empregos
Populares
Especiais
Guia Vida & Arte
Jornal do Leitor
Ombudsman
Papel de Parede
Para ler O POVO
People
Páginas Azuis
Veículos
Viagem & Lazer

canais noolhar

Enaceara
Colunas
Culinária
Diversão e Arte
Esoterismo
Esportes
Verão Vida&Arte
Horóscopo
Humor
Multimídia
Para ler O Povo
Referendo 2005
Tecnologia
Universitário
Últimas

serviços

Biblioteca OPOVO
Edições Anteriores
Enquetes
Fórum
Pesquisa
Populares
Webmail

ouça

AM do Povo CBN
Calypto FM

Marcelo Neri

Desigualdade em queda

[30 Dezembro 01h05min 2005]

A nossa desigualdade de renda tem se mantido alta e estagnada, nos mantendo no podium mundial da desigualdade desde 1970. Por outro lado, as últimas pesquisas apontam que a nossa internacionalmente famosa iniquidade inercial brasileira dá sinais de queda. Em primeiro lugar, esclareço algumas diferenças entre as nossas medidas de desigualdade e as apresentadas na publicação oficial da PNAD 2004.

Seguindo a tradição da literatura de bem-estar social, enfatizamos o uso de medidas baseadas em renda domiciliar per capita. Nela se agrega a análise de elementos isolados relativos ao desemprego, informalidade, renda do trabalho, juros, aluguéis etc. ao efeito de transferências privadas e às realizadas pelo Estado a título de pensões, aposentadorias e programas sociais. Em particular, o rendimento real de trabalho de pessoas ocupadas com rendimento - constante entre 2003 e 2004 em R\$ 733 - deixa de fora o ganho proporcionado pelo aumento de 2,7 milhões de postos de trabalho. A saída de uma situação de renda zero ignorada representa relevante ganho de poder de compra.

Mesmo quando a publicação da PNAD amplia o conceito para renda domiciliar total de todas as fontes de renda, apenas se considerou os domicílios com rendimento, excluindo os mais pobres dos pobres, aqueles alijados da chamada economia monetária. Como a parcela de domicílios sem rendimento caiu 27% da proporção, a queda do índice de Gini de renda domiciliar total em 2004 divulgada é diminuída em 16%. Distorções como essas são observadas em anos anteriores. Complementarmente, o cômputo de renda domiciliar per capita leva em conta o peso dado aos mais pobres que possuem famílias, em geral, maiores.

Trabalhamos aqui com distribuição de renda no sentido estatístico, incluindo tanto mudanças na desigualdade como no crescimento da renda domiciliar per capita, incluindo sempre os sem renda. A análise dos determinantes agregados da pobreza expressos nesses termos revela que 1/3 do movimento de queda da miséria de 8% se deveu ao efeito-crescimento - ou seja, líquido do crescimento populacional - de 2,85%, e os 2/3 restantes da queda são resultantes da redução da desigualdade de renda aqui representada pela redução do índice de Gini de 0,585 para 0,573. Essa dominância do aspecto redistributivo é evento raro nas séries sociais brasileiras. Na década passada decretamos o fim da inflação inercial e universalizamos o ensino fundamental. A presente década se apresenta como a da redução da desigualdade.

A redistribuição de 2004 é aproximadamente equivalente àquela acumulada no período de 2001 a 2003, quando passou de 0,598 para 0,585. Ou seja, no último ano o ritmo de desconcentração de renda foi duplicado em relação ao biênio anterior, que já era atípico frente ao histórico das séries brasileiras. Em artigo publicado em abril de 2004 no jornal **Valor**, projetamos para 2004 uma redução de pobreza de 8,61% com base num Gini de 0,574 (contra 0,573 observado ex-post) e um crescimento per capita de 3% contra 2,85% da PNAD. Sem recorrer a uma repentina sabedoria depois dos fatos, resultados próximos aos agora observados.

Cabe frisar a robustez dos resultados encontrados tanto no que tange as

Mix FM

veja também

Calypso FM
ClickLab
Edições Demócrito
Rocha
Fundação
Demócrito Rocha
Mix FM

mudanças da miséria como da desigualdade. No que tange ao último aspecto, fizemos a comparação da parcela da renda acumulada por cada centésimo de distribuição, ilustra que o resultado é geral: a distribuição de renda per capita de 2004 é mais igualitária do que a de 2001. Em outras palavras, a queda de desigualdade é válida para todos os indicadores de desigualdade que respeitam o princípio das transferências de Pigou-Dalton, que nos diz que ao se transferir mais renda de uma pessoa com mais renda para uma pessoa com menos renda, sem inverter a posição relativa desses dois indivíduos no ranking, a medida de desigualdade deve cair. Essa generalização é conhecida como dominância de Lorenz.

Similarmente, demonstramos, através do conceito de dominância estocástica de primeira ordem, que para qualquer linha de pobreza e qualquer tipo de indicador de pobreza utilizado a miséria aumentou em 2003, caiu em 2004 e no cômputo geral do biênio a miséria caiu no governo Lula. Além da linha adotada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas e da generalização também apresentamos o monitoramento da chamada extrema pobreza seguindo a linha adotada na primeira Meta do Milênio de reduzi-la à metade entre 1990 e 2015. O valor desta linha é de US\$ 1 por dia ajustado por diferenças de custo de vida entre países e no interior do Brasil, o que daria 12,41% de miseráveis em 1993, contra 36,57% da linha de miséria do CPS, no mesmo ano.

Seguindo a linha de US\$ 1, a pobreza cairá a menos da metade entre 1993 e 2005, se a miséria cair 8% entre 2004 e 2005. Apesar de alguma desaceleração do crescimento do PIB e na geração de trabalho, a continuidade da expansão do Bolsa Família que cresce este ano 2,2 milhões de famílias, atingindo 8,7 milhões de famílias agora (11,6 milhões no final de 2006) e, em particular, o ganho real de 9% do salário mínimo - que "estoura" as contas públicas - já ocorrido em 2005, levarão a uma queda da miséria superior àquela de 2004.

De acordo com as metas acordadas, a meia vida da miséria deveria ser de 25 anos, mas no nosso caso foi de menos de 12 anos, ou entre 15 e 16 anos, contados a partir da marco zero das metas do milênio em 1990. O acompanhamento da evolução da miséria ao longo do tempo, seja agregada, seja organizada por grupos de atributos isolados como sexo ou idade ou educação ou uf etc., seja por combinações desses atributos individuais (ex: uma senhora cearense analfabeta), ou àquela que mais interessar, pode ser feita no sítio www.fgv.br/cps.

MARCELO NERI é professor do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e da EPGE/FGV. Autor de **Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas**, **Retratos da Deficiência** e **Ensaio Sociais**. E-mail: mcneri@fgv.br

 [imprima esta notícia](#)  [envie esta notícia](#)

Leia mais sobre esse assunto

30/12/2005 01:05:00 - [A esperança equilibrista](#)
30/12/2005 01:05:00 - [A inserção político-econômica externa](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Aspectos microeconômicos do governo Lula](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Em busca do Santo Graal](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Evolução e discussão de um "problema"](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Políticas sociais e o combate à pobreza](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Que governo é esse?](#)
30/12/2005 01:05:00 - [Três anos de políticas responsáveis](#)



[Política de Privacidade](#) [Aviso Legal](#) [Publicidade Online](#) [Faça desta sua Home](#) [Contato](#)